

# A viagem

Uma luz no final do túnel





## A viagem

Uma luz no final do túnel



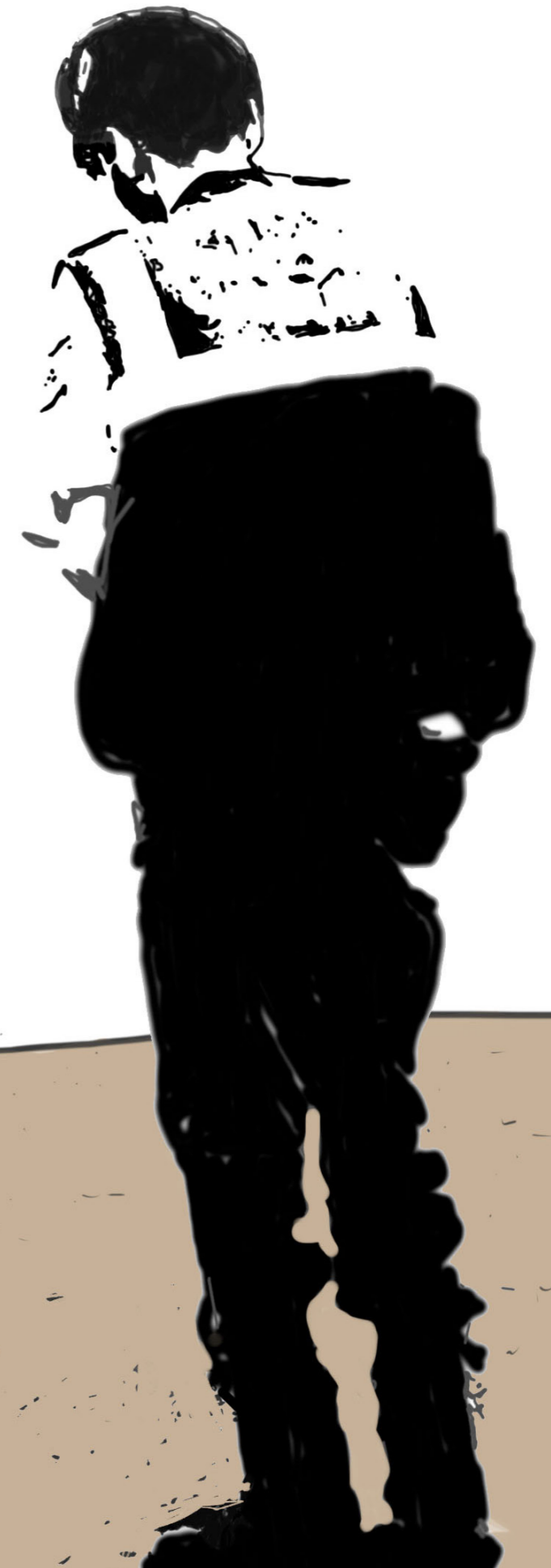
É importante pôr os jovens a refletir para lá do seu pequeno mundo seguro. Sabermos colocar-nos no lugar do outro é a melhor forma de sermos humanos e solidários e, num mundo em mudança, como é o nosso, em que a guerra espreita em cada esquina, é fundamental que os jovens de todo o mundo reflitam e entendam que todos temos um papel no universo que nos rodeia, por muito pequeno que seja o contributo de cada um. Estas páginas de Diário são, a nosso ver, uma das formas possíveis de fugir à indiferença perante o sofrimento dos outros.



Dia 24-11-2023

Ontem fui dormir sem muitas perspectivas de um amanhã. Hoje acordo sem expectativas para o agora. Se ontem já não foi fácil, tenho de ter forças para acreditar que hoje conseguirei superar.

O alimento é cada vez mais escasso, quero providenciar alimento à minha esposa e às minhas crianças, mas de cada vez que procuro, continuo na mesma - nada. Nestes dias de desespero, a única coisa a que consigo agarrar-me é à pequena chance de conseguirmos sair de cá todos juntos como uma família, com dignidade. A cada dia que passa, sinto mais a humilhação do que estamos a sofrer. As pessoas que um dia encheram a boca para falar sobre os direitos humanos são as mesmas que agora negam o básico a todo um povo. Tenho ainda pesadelos com as bombas explodindo perto de nós, os soldados morrendo, os choros de desespero de pessoas que só queriam que tudo isto acabasse. Durante esta semana, de muito fugir e nos escondermos, conseguimos escapar à polícia uma vez depois de sermos apanhados. A nossa sorte foi que no nosso grupo havia demasiadas pessoas, por isso tivemos a chance de escapar sem sermos notados. Sinto aflição por todos aqueles que ficaram, mas também precisava de pensar na minha família. Inclusive preciso de fazer isto de novo e tentar conseguir algum alimento ou alguma forma de sairmos daqui. Por hoje é isto, diário. Espero durar até à próxima vez que aqui vier escrever.





Querido diário.

Têm sido umas semanas difíceis, após a morte dos meus pais e da minha irmã e de ter sido retirada da minha cidade natal, Atatra. Apanhei um autocarro até à fronteira com o Egito e depois de ser retirada pelos guardas, recebi permissão para atravessar a fronteira em direção ao aeroporto de El Gora. Após algumas horas, chegamos a Istambul, mas a viagem ainda estava longe de acabar.

No dia seguinte, definimos uma rota para a Áustria. Decidimos ir pela Bulgária e Roménia, pela fronteira da Hungria até chegarmos ao destino. Neste momento, sinto-me sozinha, mas estou a tentar fazer amigos e ter uma atitude positiva.

Querido diário.

Se eu tivesse de descrever estes últimos dias, diria que foram muito cansativos, pois logo de manhã, apanhamos um voo para a Bulgária, que demorou algumas horas e, ainda por cima, a viagem de comboio que fizemos para a Roménia também foi muito demorada e, finalmente, o percurso de comboio até à Hungria parecia nunca mais terminar. Comemos e dormimos todos juntos num cubículo tão apertado, que mal dava para respirar, durante o dia inteiro.

Ainda bem que os responsáveis da equipa de voluntários viram que estávamos cansados e por isso, acharam melhor descansarmos hoje. Apesar de ter ficado cansada, eu compreendo que é necessário todo este trabalho. Felizmente só falta atravessarmos a fronteira para a Áustria, onde poderei ter uma vida normal.



Angola, 17 de setembro de 1975

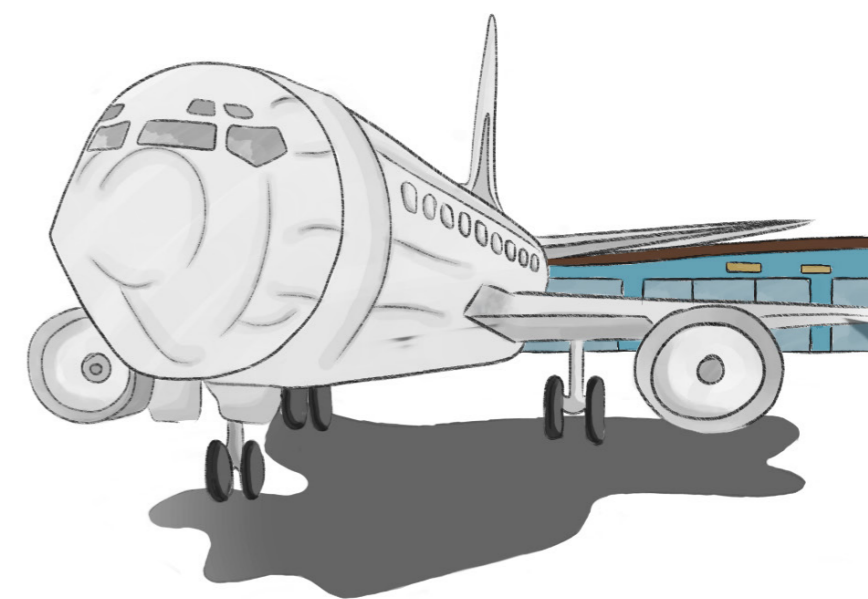
Já faz três meses que a guerra começou. Três meses em que ando só com a roupa que tenho no corpo, com o meu filho de quatro anos pela mão, grávida para a minha filha, que nascerá no próximo mês, e com o meu marido. Não dormimos bem nem comemos de forma adequada, tomamos banho quando podemos, num tanque onde ainda corria água e, apesar de termos dinheiro, não nos serve de nada. Tenho 23 anos e estamos a viver um inferno. Tenho medo pelos meus filhos, será que vamos sobreviver a isto? Temos dormido no mato. Ainda bem que cá as temperaturas não são baixas, ou seria ainda pior. Os bombardeamentos não param, noite e dia. Por sorte, hoje encontramos alguém que nos ajudou e nos deu a chave de um armazém. Está vazio, apenas com uma esteira num canto e uma lata vazia que usamos para ir buscar água que, por enquanto, ainda corre nas torneiras. Fiz uma fogueira com lenha na parte de fora do armazém, num buraco cavado na terra com as mãos. Servirá para nos aquecer e para cozinhar. O senhor que nos ajudou foi com o meu marido buscar carne, que os guerrilheiros algumas vezes dispensam. Eu fui para a fila pedir alimentos e, como estou grávida, é uma vantagem, pois chamaram-me à parte e deram-me feijão, peixe, e carne seca (seca ao sol para conservar). Entretanto, encontramos uma amiga que, sabendo do meu filho, saltou um muro que dava para um supermercado abandonado e acabou por encontrar leite em pó. Uma coisa tão simples, mas fiquei tão feliz por poder alimentar o meu filho. Por hoje limito-me a ter fé. Espero que daqui para a frente as coisas não piorem.



Angola, 24 de setembro de 1975

Passou exatamente uma semana e conseguimos sobreviver até agora. Estamos a tentar voltar para Portugal, para a terra natal do meu marido, nos Açores, São Miguel. A maioria dos brancos já saiu daqui, não temos outra solução senão também ir embora. Gosto desta terra, mas tenho de pensar nos meus filhos e sobreviver. Hoje pensei que ficaria sozinha....Como estamos a tentar fugir deste inferno, ele foi detido pois pensaram que ele era um espião para levar informações. Tiraram-lhe tudo, o pouco dinheiro que tinha, os seus documentos, tudo. Não ia ficar quieta, então tive de arranjar forças e encarar os guerrilheiros. Gozaram comigo, uma “branquela” fingir que estava grávida, com barriga falsa para esconder com certeza diamantes. Falei com eles no seu idioma. Aprendi os idiomas todos deles desde pequena, o que ao menos serviu para alguma coisa. Tive de levantar o vestido, mostrar que a minha barriga era verdadeira. Só assim acreditaram. Para soltar o meu marido, disseram que só o sargento o faria e que ele ia embora para outra zona. Não pensei e corri tanto quanto consegui com este barrigão. Consegui encontrá-lo e pedir que o libertasse. Ele foi muito gentil comigo, disse para eu relaxar, porque carregava um bebé na minha barriga e ordenou a sua libertação. Uma menina, como ele disse. Sim, sou uma menina tentando sobreviver.

Vamos tentar embarcar já amanhã. Só descanso quando chegar à minha nova casa e tiver paz. Açores...





11/11/2023

Querido diário

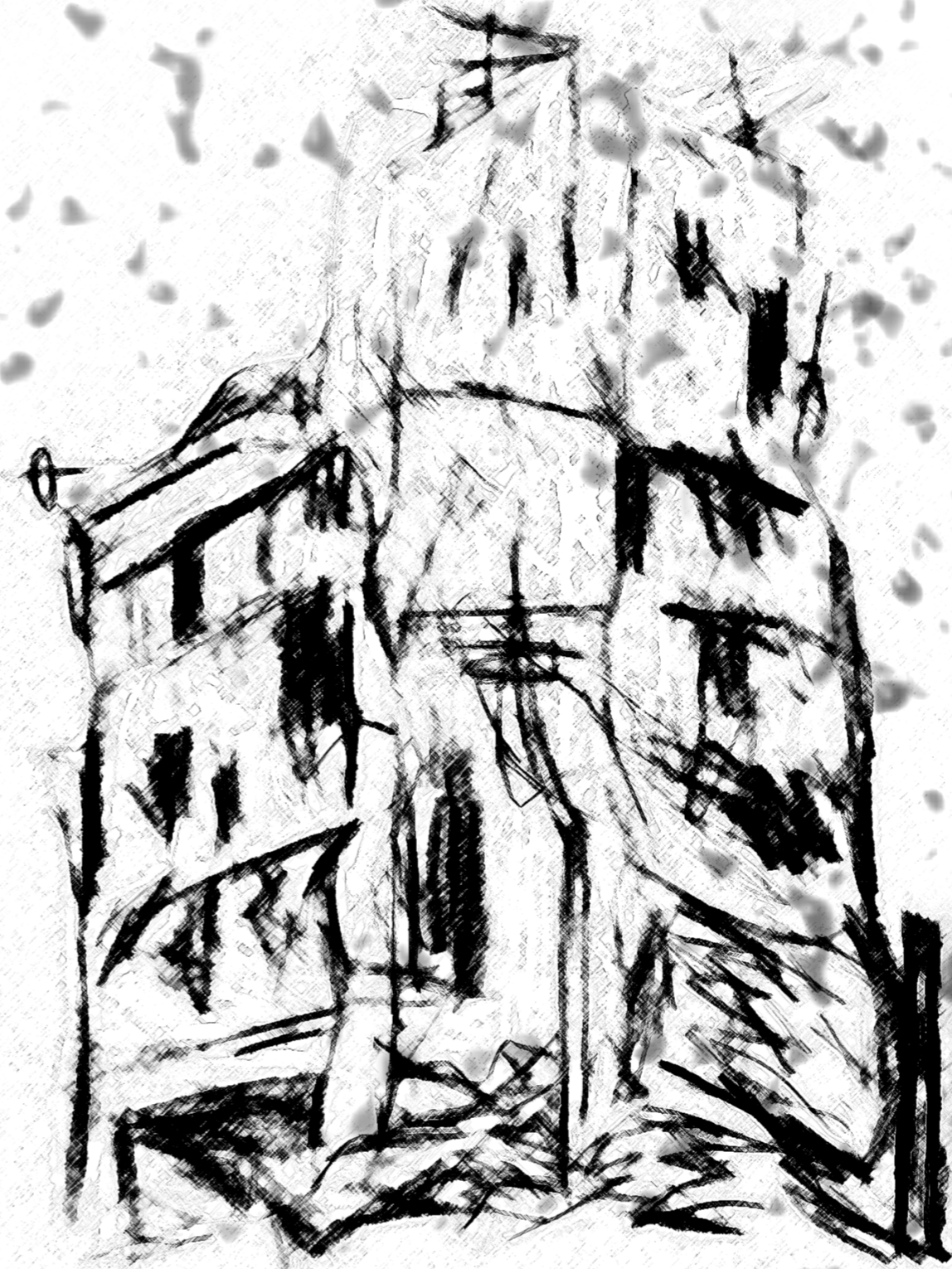
Muitas coisas aconteceram desde que te escrevi pela última vez. Após aquela fuga para entrar na Áustria com a Salma, fomos acolhidas num centro de adoção, legalizamo-nos e temos agora a nossa documentação atualizada. Infelizmente ainda não falo bem alemão, mas estou a ter aulas especializadas, como segunda língua.

Estou agora no 10.º ano e ando a ser acompanhada pela psicológica da escola, que me tem ajudado a lidar melhor com esta situação toda.

Claro que continuo com saudades dos carinhos da minha mãe, de brincar com o meu pai e de ajudar a minha irmãzinha nos trabalhos de casa de matemática, mas sei que estão muito orgulhosos do caminho que percorri e irei percorrer e, ao menos, ainda falo com a Salma, que está a recuperar das feridas do arrame farpado.

A minha psicóloga perguntou-me o que eu queria ser no futuro, mas não soube o que responder-lhe. Ela então aconselhou-me a começar pelo que não queria e foi assim que acabei de escolher humanidades como curso do 10.º ano, para tirar relações-públicas e concretizar o meu sonho de fazer parte da ONU, pela Palestina. Claro que estou a ver as coisas pelo lado positivo, porque a verdade é que a Palestina já não é reconhecida como país, de todo, e Israel acabou por destruir tudo o que já conheci lá. Só tenho guardadas na minha mente as memórias com os meus amigos e a minha família em Atatra.

Acho que o quero dizer com isto tudo é que a minha vida está melhor e a partir daqui só vai melhorar. Até à próxima vez.



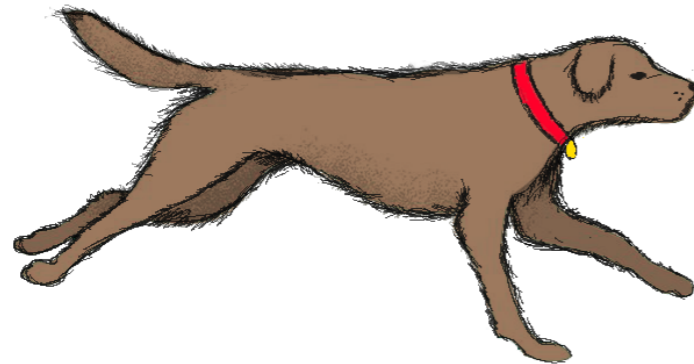


17-05-2021

Vou com o meu pai para o trabalho, como faço todos os fins de semana. Enquanto o meu pai estiver a vender os seus alimentos na sua barraca, estarei a brincar com o meu cão Ozzy.

18-5-2021

Hoje, no caminho para casa, vi camiões militares a transportar alguns soldados. Para onde será que eles vão?  
Estou a começar a ficar um pouco preocupado, porque amanhã tenho escola e está a tocar uma sirene /alarme que não me deixa dormir. Já está a fazer-se tarde e não paro de ouvir uns trovões estranhos lá fora, o que é estranho, porque nem está a chover.



19-05-2021

Entretanto consegui dormir um pouco, mas o meu pai disse algo de que não estava à espera, que íamos de “férias” e que eu devia fazer as malas o mais rápido possível. Parecem umas férias gigantes, pois está uma multidão com malas lá fora. As pessoas parecem estar cheias de pressa, provavelmente porque estão entusiasmados. Até mesmo a professora, nunca a tinha visto assim. Assim que terminei, saímos e o Ozzy estava muito agitado com a barulheira. O senhor do autocarro disse-nos que não havia mais espaço, e o pai disse-me que talvez devêssemos ir apanhar transporte noutra paragem. Então fomos para o carro. Já há algumas horas que estou nesta viagem que parece que não tem fim, o carro ficou sem gasolina e temos de continuar a pé.

Está a escurecer e não fizemos uma pausa. O meu pai disse para entrar num abrigo subterrâneo, mas ele ficou lá fora e estou a ouvir muitos barulhos altos. O Ozzy não para de ladrar, quero ir para casa...

20-05-2021

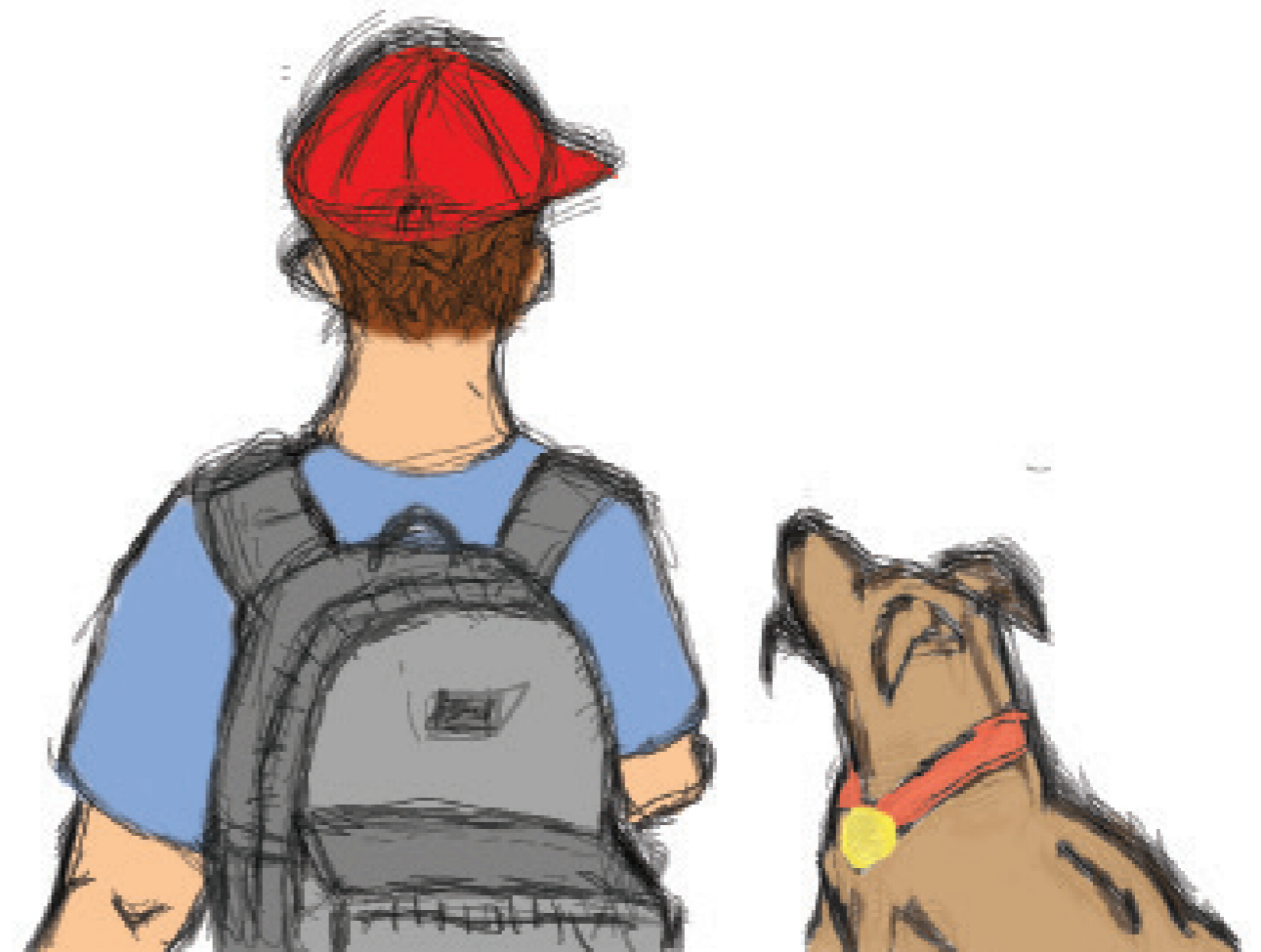
Estou aqui há algum tempo... Alguém me encontrou, um senhor, pegou em mim e no Ozzy e colocou-nos numa carrinha. Perguntei-lhe onde o meu pai estava, mas ele não respondeu... Também lhe perguntei aonde íamos e uma senhora disse “para a Polónia”, mas que ainda havia de demorar. Tenho saudades do pai...

25-05-2021

Dizem-me que estamos quase a chegar...

26-05-2021

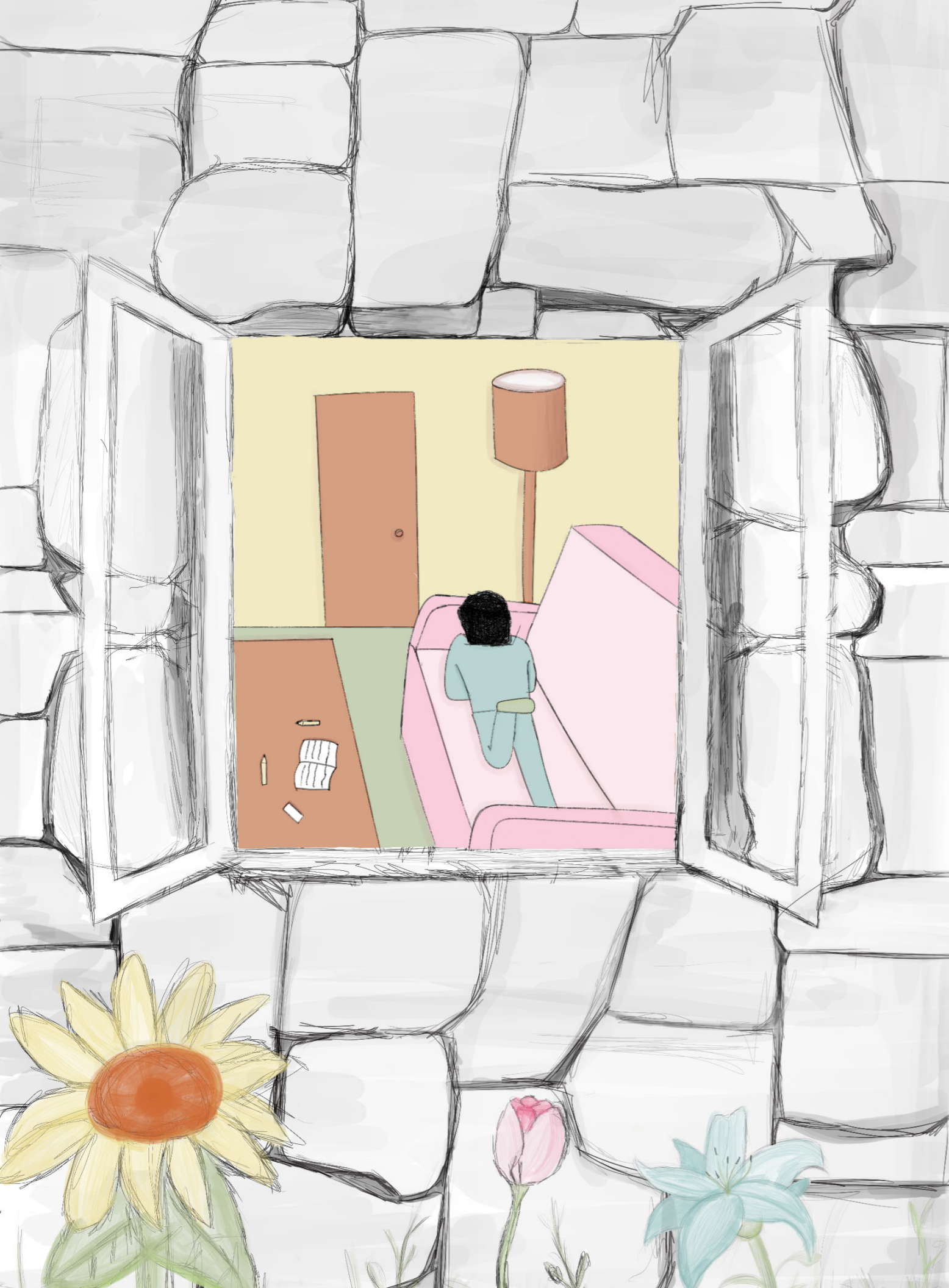
Chegamos, mas de forma diferente do que eu tinha julgado. Estamos na floresta, estou num grupo de 17 pessoas, todas elas tristes. Estas férias não foram o que eu achei...











Para o nosso “Princeso” registar cada passo da sua jornada. Adoramos-te muito e desejamos-te um feliz aniversário!

Mamã e Papá

25/02/2022

Ontem o Papá e a Mamã ofereceram-me um diário, tu! Estou muito ansioso para poder contar-te tudo sobre a minha vida! Diverti-me muito hoje na escola com o meu melhor amigo, o Ruben, antes dele ir emigrar para o Canadá. O adeus foi a pior parte, mas ele prometeu que voltaria para me visitar.

26/02/2022

Olá, diário! Hoje não tive de ir à escola! Os meus pais disseram que ela fechou, mas não cheguei a entender o porquê. Eles pareciam preocupados, mas não deve ser nada, mais férias para mim. De tarde a mãe e o pai foram ao supermercado comprar mais dos meus bolinhos, e outras coisas, claro, mas ainda não voltaram. Já está escuro. Não paro de ouvir uns fogos de artifício e sentir uns tremores de terra. Estou a ficar assustado. Onde estarão os meus pais?

27/02/2022

Olá, de novo. A minha avó veio-me buscar, e disse que os meus pais tiveram de ir embora e nós também vamos ter de ir. Espero encontrá-los pelo caminho. Acho que agora não vou ter tempo para falar contigo, infelizmente, pois a minha avó diz que vamos ter de sair à pressa. Até à próxima!!



24/02/2023

Querido diário,

Finalmente tive tempo para falar contigo. Já faz um ano que a guerra na Ucrânia começou, no meu aniversário de sete anos. Hoje faço oito anos e estamos na Hungria. A avó queria fazer algo especial para mim. Não tínhamos muitos ingredientes, mas como ela é uma cozinheira mágica conseguiu fazer uma Kutiá, a minha sobremesa favorita! Estava muito bom! Mas infelizmente ainda não consegui encontrar os meus pais. Tenho saudades deles. :(

27/03/2023

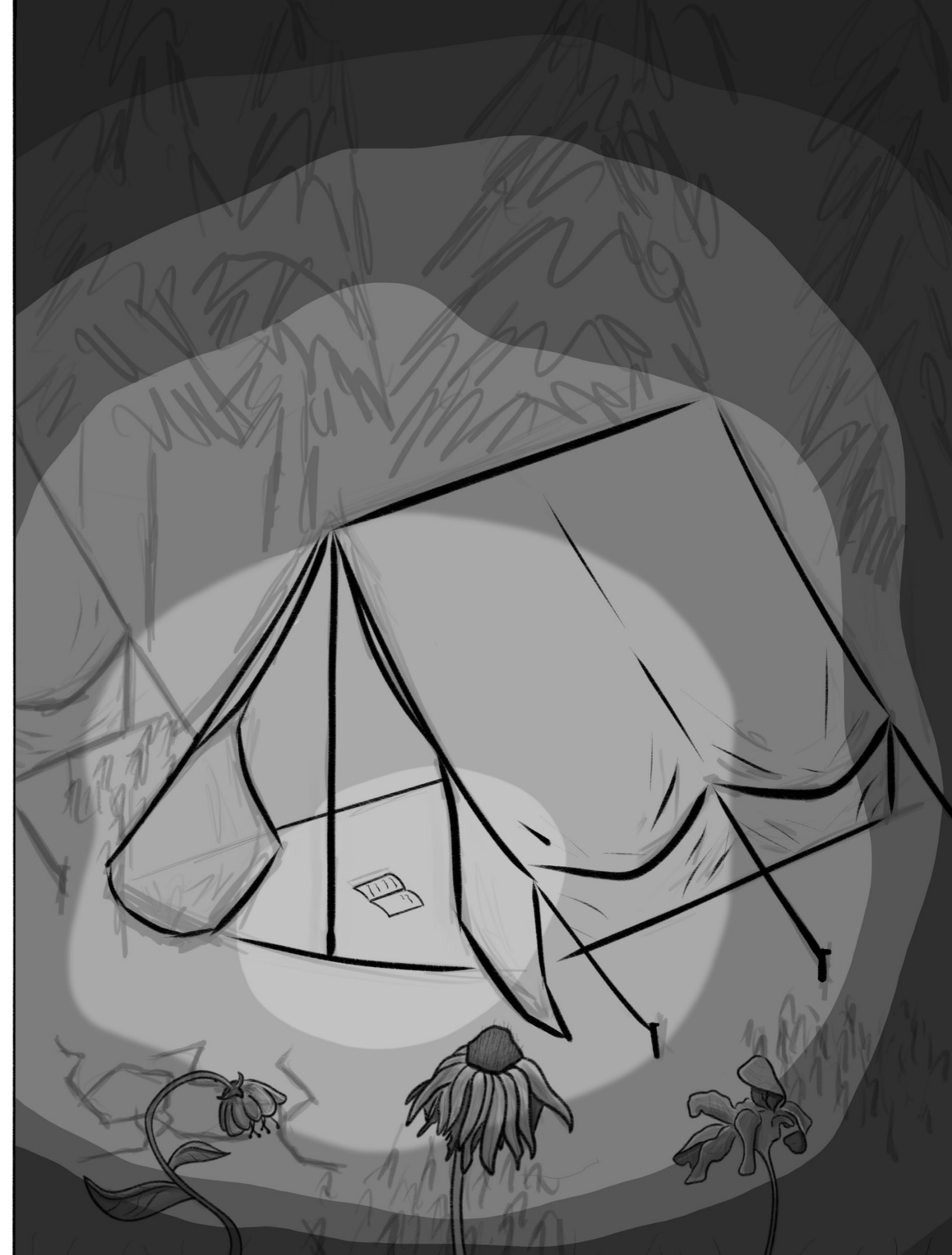
Próxima paragem: Chéquia!

Hoje é dia de andar de autocarro! Adoro ir neles, porque significa que vou para um lugar novo com um monte de animais e paisagens novas! Já estávamos aqui na Hungria há um mês. Tem muita gente aqui que também quer viajar, acho que veio o país todo. Esse tempo todo no mesmo sítio deve ter deixado a avó doente porque ela não para de tossir e espirrar...

7/04/2023

Chegamos! Finalmente! Mal posso esperar para explorar TUDO! Mas, eu não consigo fazer isso sem a avó, e ela ainda está muito doente. Tem tantas pessoas aqui que precisam de ajuda que os senhores enfermeiros não têm tempo suficiente para cuidar da minha avozinha. Só queria ter a minha vida normal de volta, voltar a viver na minha casa, onde vai passar a ser proibido ficar triste e onde vou poder ter mais de cinco blusas diferentes.

NOTA: Diário encontrado num antigo acampamento de refugiados pelo historiador Pedro Salazar.

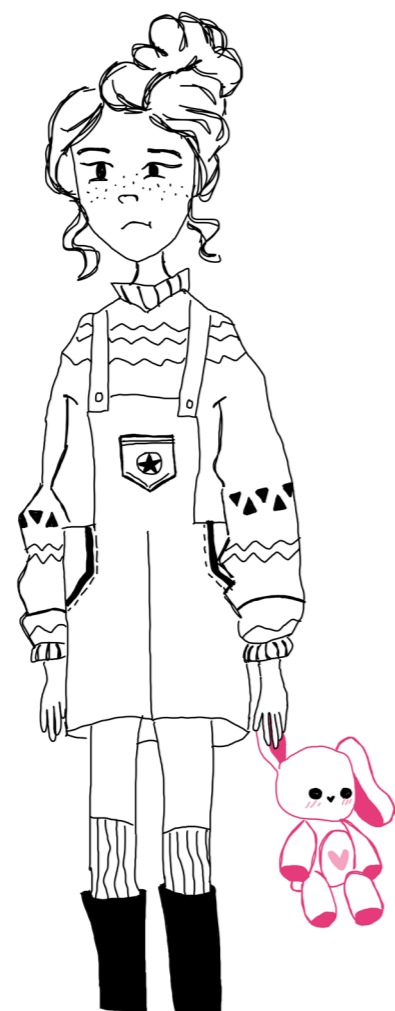


Olá, eu sou a Zarife Silva e decidi que, enquanto estou a fugir do meu país, a Arménia, tenho de fazer algo para me distrair do medo que sinto todos os dias, e então decidi que vou fazer um diário!

Comprei este caderno numa banca de rua que aqui encontrei, na Turquia. Pois é, de momento encontro-me na Turquia, sítio que nunca pensei visitar e muito menos da maneira como cá cheguei... Já há duas semanas que saí de casa e desde então, vivo em constante medo de nos encontrarem e nos mandarem de volta. Nestas duas semanas, tentei ser sempre positiva, mas é difícil nestas condições. Só sei que quero chegar viva à Polónia, mas todos os dias há um desafio diferente para enfrentar e então aqui começo a minha história, que te contarei, meu querido Diário.

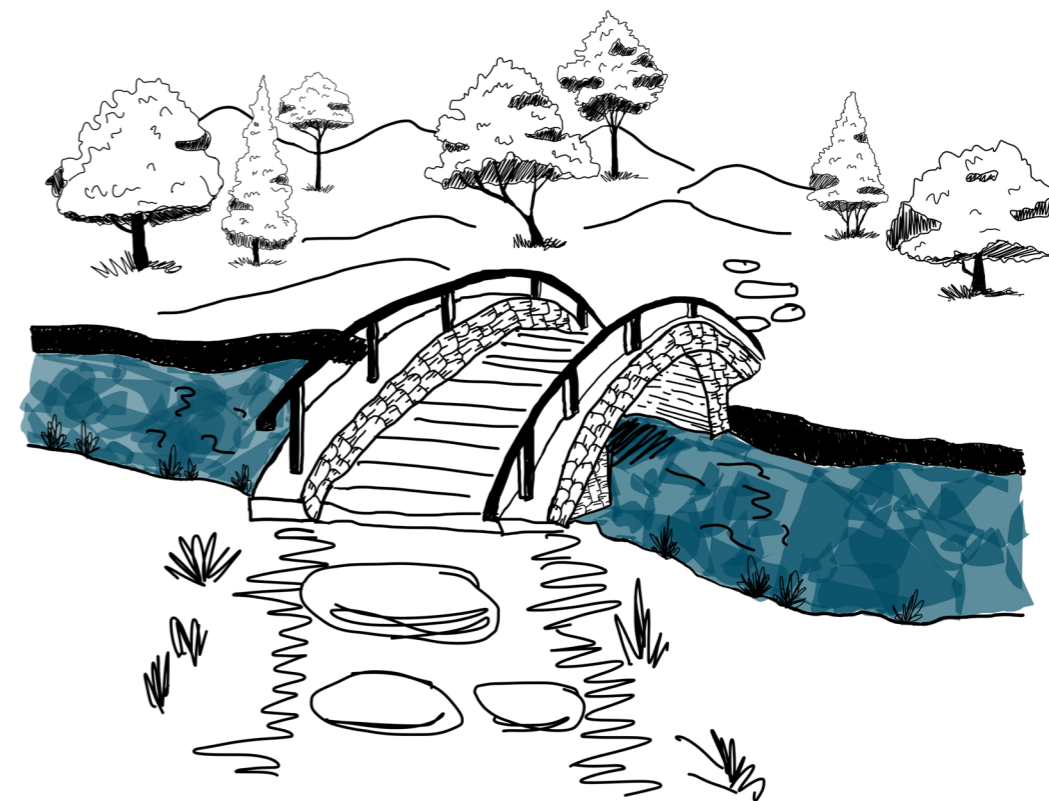
Dia 16, a tentar chegar à Polónia

Hoje fui acordada às pressas a meio da noite, no nosso pequeno acampamento provisório, que fizemos aqui na Bulgária, pois a polícia estava perto de nos achar, mas felizmente conseguimos fugir a tempo, no entanto, algumas coisas foram deixadas para trás, como o meu peluche favorito, que me ajudava a dormir. Pelo menos consegui trazer-te comigo, o que já é um ponto positivo. Já estamos a caminhar há seis horas, estamos cansados e com fome, mas o medo é maior e dá-nos força para continuar.



Dia 18, a tentar chegar à Polónia

Hoje passamos por uma floresta tão bonita, onde passa um rio, que utilizamos para nos lavarmos. Tirou-me de cima a sujidade que trazia desde o momento em que saí de casa. Sinto-me aliviada!



Dia 22 a tentar chegar à Polónia

Conseguimos um autocarro e entramos na Roménia. Estamos tão perto, mas ao mesmo tempo tão longe. Sei que ainda temos muito pela frente e estou a tentar manter-me positiva, mas ontem perdemos um dos nossos devido à fome, ao cansaço excessivo e já à sua idade. Que Deus tenha a alma do sr. Arménio e lhe dê um sítio sossegado para descansar em paz.

Dia 35, a tentar chegar à Polónia

Perdi a minha caneta, com que antes te escrevia e então não tinha como te contar o que se foi passando. Felizmente arranjei uma nova, o que é bom, pois tenho muito que te contar...

Está difícil sair da Roménia, porque a Hungria fechou as fronteiras e ir pela Ucrânia não é opção, já que também está a enfrentar uma guerra contra a Rússia. Estamos a tentar ao máximo entrar na Hungria, ouvimos boatos de uma falha na fronteira mais a sul e então temos uma longa caminhada pela frente. Vamos ver se vai dar certo.



Dia 43, a tentar chegar à Polónia

Já estamos noutra comboio, mas este, este é diferente, este representa diversos sonhos e a liberdade e tem como destino a Polónia. Só mais 9 horas e tudo é possível!



5 horas para a Polónia

Está tudo a dormir exceto eu, pois a ansiedade não me deixa e o silêncio entre as pessoas inquieta-me. Acho que já estava acostumada com os grilos. Engraçado, não é? Sentir saudades dos grilos, mas eles davam-me um certo conforto. Acho que vou arranjar um grilo quando chegar à Polónia.



Há 2 horas que cheguei!!

**CHEGUEI DIÁRIO. NÃO ACREDITO!** As pessoas aqui do centro de ajuda são simpáticas e recebem-nos da melhor maneira possível e adivinha... encontrei a Sofia. Já não a via há dez meses. Abraçamo-nos e choramos juntas com a felicidade de ambas sabermos que conseguimos. Agora é uma nova história e aventura pela frente, mas não te preocupes, continuarei sempre a informar-te do que se passa.

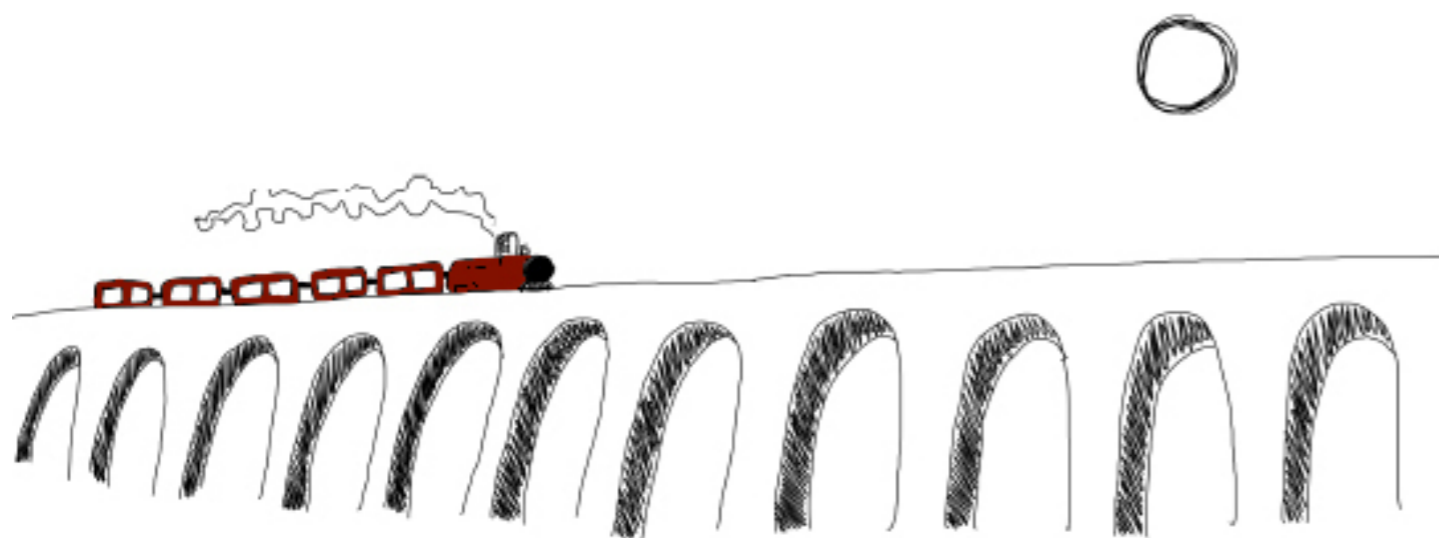
Dia 38, a tentar chegar à Polónia

Conseguimos! Conseguimos! Conseguimos! A falha era verdade, mas conseguimos ultrapassar e agora é rezar pelo melhor e não sermos apanhados. Estamos a evitar caminhos com pessoas, ou seja, a floresta é a nossa melhor amiga, de momento, e eu até gosto, pois transmite-me uma sensação de paz. Ouvir os grilos e os pássaros é a nossa música, diária.

Dia 40, a tentar chegar à Polónia

Está a chover imenso, a água corre-nos pela cara e pelas costas, TUDO ESTÁ MOLHADO, o frio penetra-nos até ao osso, e o medo de perder alguém está sempre presente...

Conseguimos um abrigo numa caverna e teremos de esperar que as nossas coisas sequem e os que se encontram mal, pelo frio, melhorem.... Está difícil. Só me apetece chorar.



Dia 42, a tentar chegar à Polónia

Já estamos na estrada de novo, mais precisamente num comboio a caminho da Eslováquia, só de pensar que depois da Eslováquia já é a Polónia, fico aos pulos! Quando lá chegar, vai ser outro desafio pela frente, mas pelo menos o centro de ajuda a refugiados vai-nos ajudar. Estou ansiosa por poder dormir uma noite sem medo.





Dia 50 de viagem,

Hoje morreu mais uma criança, de fome. O número já vai em treze, só em crianças. Se contar toda a gente, acho que já vai em sessenta. As condições estão cada vez piores e morre mais gente a cada dia.

Tenho saudades da minha família, já são 39 dias sem a minha mãe e os meus irmãos, e eles são tão novos, um de dez anos e outro com apenas um ano. Espero que o nosso pai ainda esteja vivo, ele que ficou a batalhar pelo nosso país.

Hoje já devemos ter andado uns 60 km. A comida é pouca, estamos a tentar poupar ao máximo, priorizando as crianças. Mas podia ser pior, podia ter morrido.

Ainda tenho esperança,

*Carolina A.*

Dia 82

Acho que esta é a minha última viagem. Tenho quase a certeza de que a próxima chegada é definitiva, acredito que estamos quase, quase na Grécia. Comida já não há, mas ainda tenho força, a esperança alimenta-me. Espero que seja a última vez que te escrevo em viagem.

Com muita esperança,

*Carolina A.*

NOTA: Este diário foi encontrado perto da fronteira da Itália, junto ao corpo de Carolina Andrade. O grupo não ia em direção à Grécia. Carolina estava a alucinar de fome, razão pela qual morreu.



22/10/2023

Querido diário

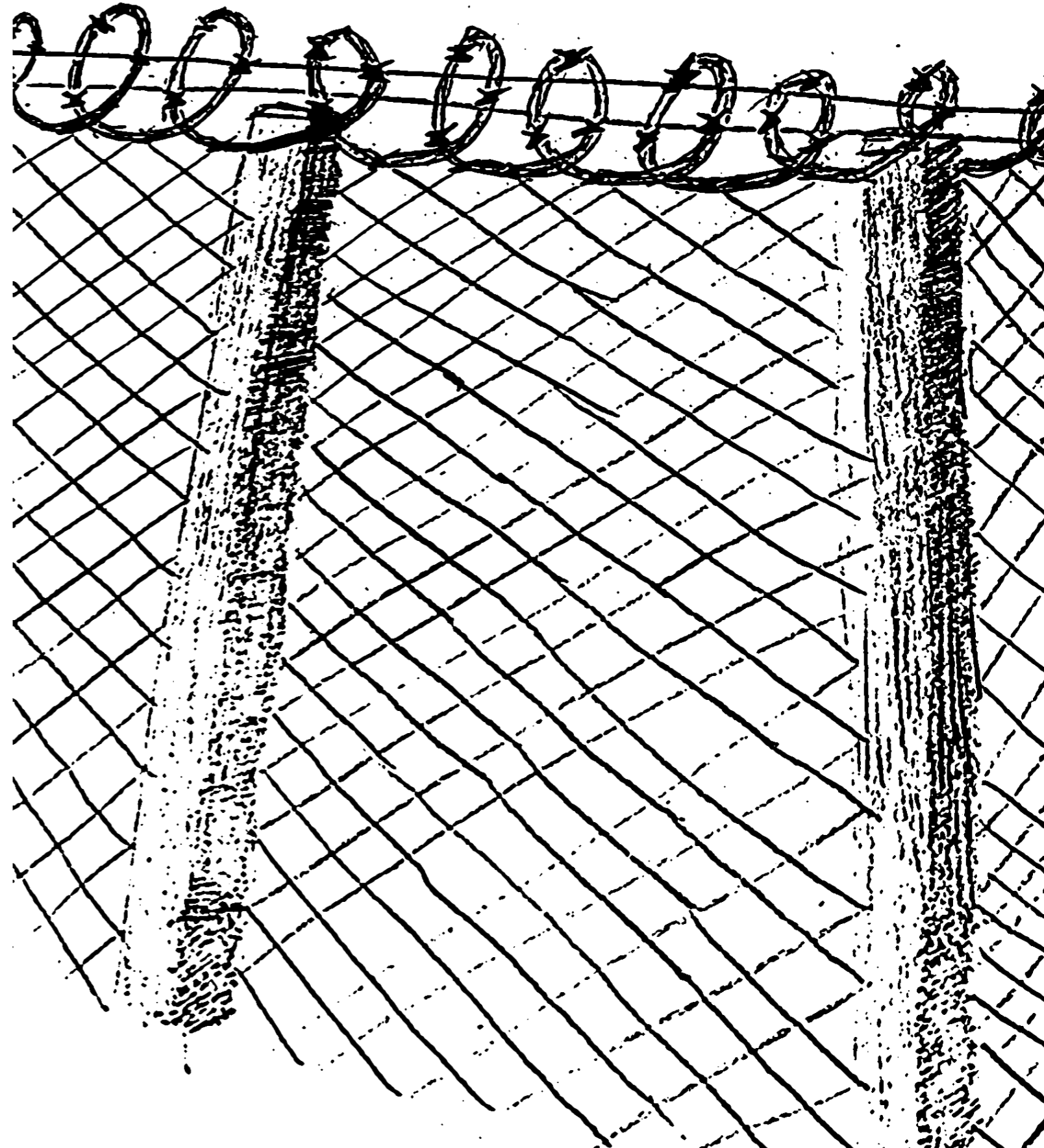
Após ter-te escrito a última vez, eu finalmente consegui fazer uma amiga, chama-se Salma e conheci-a quando estávamos a receber as doações que nos enviaram.

Ela é tão simpática, que me deu o seu antigo ursinho de peluche para ajudar-me a não ter tantos pesadelos relacionados com bombas e mísseis ou outras quaisquer atrocidades.

Já o sol se punha no dia seguinte, quando caminhamos a pé até à fronteira para não sermos apanhados pelas autoridades, uma vez que alguns disseram que o que estávamos a fazer era ilegal e os que eram apanhados acabavam presos ou até pior. Durante a longa caminhada, estive a conversar com a Salma sobre o que cada uma de nós queria fazer depois de chegar à Áustria.

Ela disse-me que queria ver Hofburg, pois era onde os seus pais sempre sonhavam ir e, no meu caso, disse que gostaria de ir a um parque de diversões para poder andar na roda gigante e na montanha-russa. Conversamos tanto, que nos afastamos dos outros e quando tentávamos encontrar o caminho de volta, fomos surpreendidas por um polícia que estava de patrulha na área.

À medida que fugíamos, ele corria atrás de nós e ficava cada vez mais próximo. Parecia ser o nosso fim, até que encontramos a cerca da fronteira e, ao chegarmos lá, decidimos escalar a vedação de arame farpado. Quando a Salma descia cuidadosamente, o guarda disparou na perna dela, fazendo com que caísse e ficasse toda arranhada pelo arame. Para nossa sorte, alguns médicos austríacos, que estavam a receber os refugiados, chegaram mesmo a tempo e conseguiram tirar-nos dali.





O meu nome é Osman. De momento não me encontro no meu país, o Iraque, já que este está em guerra. Estou na Turquia, em busca de refúgio, mas não está fácil para ninguém, visto que as condições são péssimas, mas a esperança de encontrar um sítio onde possamos estar seguros está sempre presente. Começarei aqui a documentar o meu dia a dia, como forma de me distrair do medo que sinto.



Dia 1

Acordei num lugar desconhecido, longe de casa, dos meus familiares, amigos e entes queridos. As lembranças da guerra ainda passavam na minha mente. Hoje, busco abrigo e comida, mas a incerteza sobre o amanhã persiste. A esperança é a minha única companhia nesta árdua jornada.

Dia 3

A noite foi inquietante, os sons da cidade estrangeira ainda são incómodos. Além da esperança, há fé, fé de que iria conseguir ultrapassar essa dor. Hoje enfrentei longas filas, em busca de ajuda humanitária. Encontrei alguns restos de comida perto do lixo e esse foi o meu jantar. Rostos solitários, crianças famintas, adultos, jovens e idosos, por todos os lados. À medida que o sol se põe, tento encontrar conforto na ideia de um futuro estável.

Dia 4

A jornada continua, hoje compartilhei histórias com outros refugiados, cada um carregando a sua própria dor e esperança. Enquanto caminho por ruas desconhecidas à procura de comida e água, tenho sede, sede de algo maior, a segurança. O peso e a incerteza persistem, mas mantenho a chama da fé acesa, buscando um novo começo em cada passo.



Dia 6

Hoje, encontrei um abrigo temporário, que me protegeu da chuva e do frio. Compartilhei comida com outros refugiados, uma comunidade improvisada de sobreviventes carregados de sede. À noite, olhei para o céu estrelado, questionando o destino, mas a fé mantinha-se.





Dia 7

À medida que o tempo passa, minutos, horas e dias, a população de refugiados só aumenta, e aumenta também a fé que nunca nos deixou e o frio que percorre os nossos corpos noite após noite.

Dia 8

Cada passo é uma vitória, o que me leva a refletir sobre a trajetória e todo o caminho percorrido até chegar aqui à Turquia. Hoje participei de um evento comunitário, conectando-me ainda mais com as pessoas de culturas diferentes que estão ao meu redor. Apesar dos desafios, mantenho viva a determinação de construir uma vida mais estável. Cada dia é um capítulo, e este é um passo em direção à esperança e à renovação.

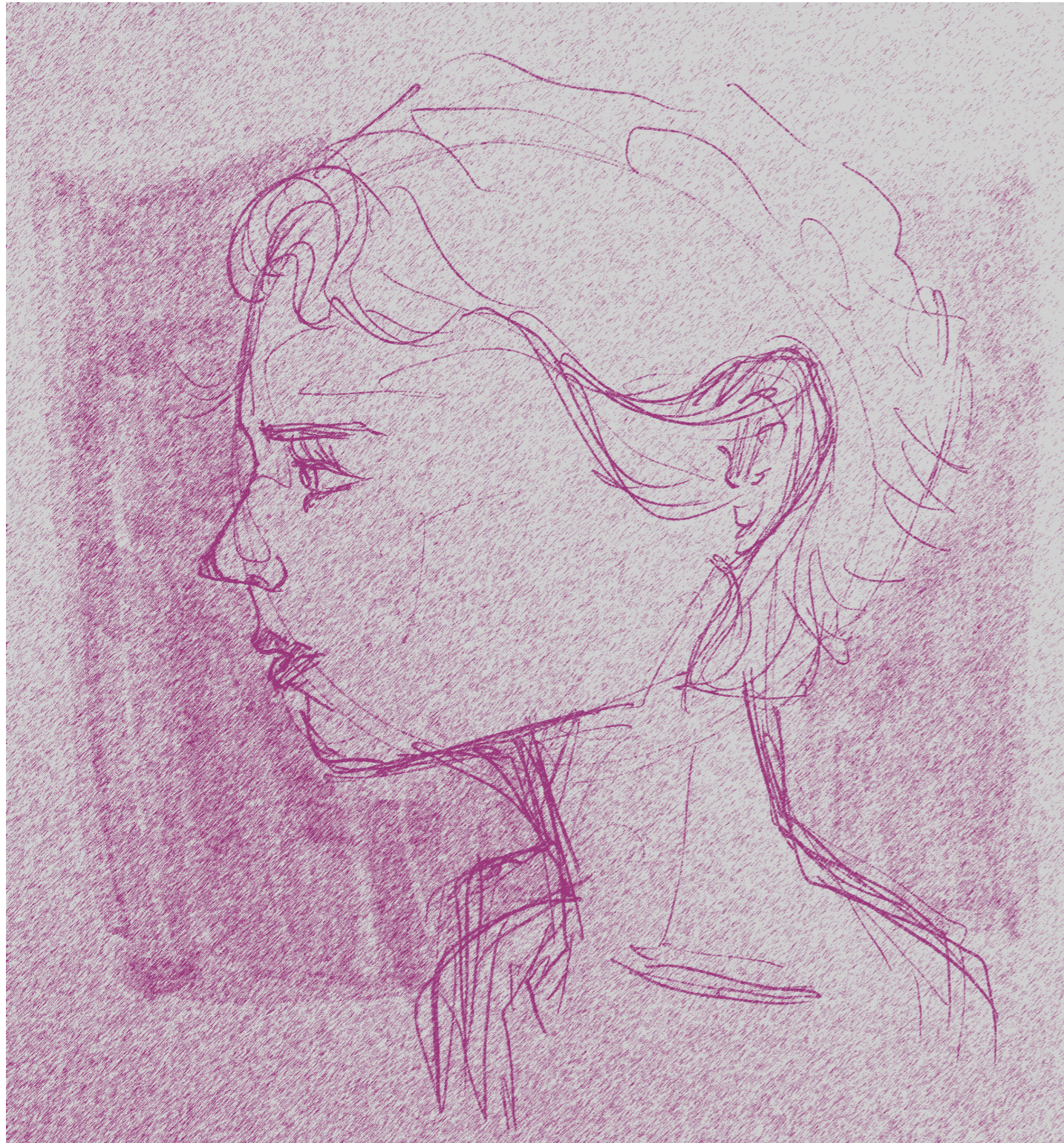




Este livro é um projeto de cidadania que estuda o tópico dos Direitos Humanos e foi criado pela turma F do 11º ano, no ano letivo de 2023-24.

Disciplinas envolvidas:

- Educação Física (professor Paulo Santos)
- Desenho (professora Hermínia Medeiros)
- Português (professora Maria João Ruivo)
- Filosofia (professor Manuel Vitorino)



Página 1-2  
Página 3-4  
Página 5-6  
Página 7-8  
Página 9-10  
Página 11-12  
Página 13-14  
Página 15-16  
Página 17-18  
Página 19-20  
Página 21-22  
Página 23-24  
Página 25-26  
Página 27-28  
Página 29-30  
Página 31-32  
Página 33-34  
Capa

Martim Teixeira  
Amanda Diniz  
Guilherme Torre e Letícia Silva  
Martim Teixeira e Fernando Adrião  
Sara Silva  
Martim Teixeira e Fernando Adrião  
Marta Ponte e Gonçalo Ponte  
Helena Sousa e Renata Viveiros  
Tiago Gouveia e Maria Antónia Resendes  
Tiago Gouveia e Maria Antónia Resendes  
Inês Silva  
Inês Silva  
Amanda Diniz, Helena Sousa e Renata Viveiros  
Martim Teixeira e Fernando Adrião  
Diana Pacheco, Maria João Vieira e Rita Correia  
Diana Pacheco, Maria João Vieira e Rita Correia  
Renata Viveiros e Martim Teixeira  
Amanda Diniz





É importante pôr os jovens a refletir para lá do seu pequeno mundo seguro. Sabermos colocar-nos no lugar do outro é a melhor forma de sermos humanos e solidários e, num mundo em mudança, como é o nosso, em que a guerra espreita em cada esquina, é fundamental que os jovens de todo o mundo reflitam e entendam que todos temos um papel no universo que nos rodeia, por muito pequeno que seja o contributo de cada um. Estas páginas de Diário são, a meu ver, uma das formas possíveis de fugir à indiferença perante o sofrimento dos outros.

Maria João Ruivo

